

EPISTEMOLOGIA PÓS-MODERNA E A EDUCAÇÃO¹

Vilmar Alves Pereira²

O debate sobre a temática enunciada nos remete a uma série de questões, entre os quais, em primeiro lugar, existe a pós-modernidade e em que consiste? Que parâmetros se utilizam para medi-la? E os princípios da modernidade, por acaso, tornaram-se obsoletos?

Estamos cientes de que a problemática iniciada não se esgota numa simples resenha, até porque a própria condição de *pós* não se encontra bem definida. O trabalho que estamos realizando visa remeter-nos a uma questão fundamental levantada na disciplina de Epistemologia das Ciências

Sociais: quais são os limites e as possibilidades da discussão sobre pós-modernidade para a ciência?

O intuito inicial desta abordagem pretende seguir o seguinte itinerário: num primeiro momento, elencar os princípios que deram coesão e afirmação ao pensamento moderno; num segundo, a partir da obra *Vinho velho em pipa nova*, de Astor Antônio Diehl, mapear o conceito de *pós-modernidade*; num terceiro, demonstrar as possíveis implicações desse enfoque para a educação.

¹ Resenha da obra do professor dr. DIEHL, Astor Antônio, titular da cadeira de Epistemologia nas Ciências Sociais do Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Passo Fundo, *Vinho velho em pipa nova*. Passo Fundo: Editupf, 1997.

² Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo - RS.

ELEMENTOS FUNDANTES DA MODERNIDADE

Chama-se *modernidade* à fase considerada madura da cultura ocidental européia, iniciada no século XVII, com o nascimento dos métodos experimentais das ciências modernas, e coroada no século XVIII, com a proclamação da razão como princípio fundante do social. A ordem social moderna passa a ser vista como alicerçada unicamente nos critérios da razão, do *logos* explicador da cultura, que, sob suas diferentes formas, impõe-se a incumbência de administrá-la e de julgá-la. Qualquer ação econômica, política ou moral que ocorra na sociedade moderna tem que ser avaliada e legitimada à luz dos critérios logocêntricos.

Sob o império da razão, a modernidade empenhou-se na construção teórico-prática de uma nova ordem social, na qual os anteriores princípios ordenadores da cultura, originários e fundantes de uma concepção teocrática da sociedade, tiveram que ser destronados. O pressuposto para essa subversão da origem social foi a liberdade de pensamento e a confiança absoluta na força emancipadora das luzes da razão. Declarou-se que, até então, os homens tinham vivido sob uma condição de menores de idade e que, desde então, teriam conquistado a maioridade. “A modernidade é, portanto, o período da história ocidental européia em que os homens se declaram em plena posse dos seus direitos de maioridade, tendo unicamente a sua própria razão como guia e juiz” (Cunha, 1992, p. 183).

Falar de modernidade é falar de maioridade da razão. Sabemos que, eco-

nomicamente, essa maioridade racional assumiu a forma de industrialismo; política e intelectualmente, a forma assumida foi a do iluminismo. Sob esses dois vetores, a razão instalou seu trono, de onde dirige com soberania os destinos do Ocidente. Eis o projeto moderno. Por acaso isso tudo chegou ao fim ou ainda sobrevive? Se morreu, já alcançamos o *pós*? Pensamos que é algo complicado ter certezas nesse momento, no entanto entendemos que o momento atual precisa ser estudado considerando-se todo o projeto moderno; só assim, poderemos perceber se chegamos ao limite daquilo que manifestamos ser o *moderno*.

O QUE ALGUNS CRÍTICOS POSTULAM COMO PÓS-MODERNO

A postura do autor de *Vinho velho*, com a qual concordamos, é a seguinte: “O que podemos entender por pós-moderno, não significa transmoderno nem antimoderno... a questão gira muito mais em torno das formas de resgate das estruturas especificamente modernas” (Diehl, 1997, p.19).

Para demonstrar essas formas de resgate das estruturas modernas, o autor faz um estudo histórico do termo com o intuito de mapear a grande questão do trabalho: limites e possibilidades da episteme pós-moderna.

Deixaremos de lado a reconstrução histórica sobre pós-modernidade. Nosso objetivo, neste momento, é mapear o que alguns autores entendem por *pós-moderno* e o que postula a teoria do fim da histó-

ria. Pensamos que nessa demonstração aparecerão os limites e avanços dessa epistemologia.

Uma das constatações *a priori* à afirmação sobre a possibilidade do pós é a constatação de que vivemos numa situação caracterizada como “espírito de época”, de intransparência teórica e, conseqüentemente, de crise. Tal crise o autor identifica nas postulações de Weber, quando se refere à modernidade como construtora daquilo que chama a *jaula de ferro*:

O que se passou com a idéia e a prática da modernidade na trajetória assinalada amplia a suspeita de que, a partir de algum ponto do caminho, a razão - o sujeito pensante, convertido em autor soberano da história, terminou construindo uma jaula de ferro, destinada a aprisionar a sociedade, o indivíduo, o próprio pensamento, deslocando com isso, para um segundo plano os perigosos impulsos brotados da crítica, da diversidade e da troca inseparável com a história (Weber apud Diehl, 1997, p.34).

É de fundamental importância partir da crítica à objetivação dos princípios modernos para demonstrar seus limites. A razão, que pretendia, além de indicar o novo *locus* ao homem moderno, ser o elemento principal da sua auto-afirmação, demonstra a sua fraqueza “tomando o bonde errado da história”.

Ora, se o homem moderno pecou por atribuir muita responsabilidade ao sujeito cognoscente, se o antropocentrismo e o logocentrismo não nos levaram à realização de todas as nossas utopias, que outros

elementos contribuem para a identificação da suposta crise dos princípios modernos?

Para o autor em estudo, são vários os aspectos que mapeiam essa situação existencial:

Vivemos num clima de frustrações intelectuais e sociais pois as revoluções otimizistas, aquelas que projetavam uma solução para o futuro, não aconteceram. Isso gera um pessimismo em relação ao futuro... Em segundo lugar o clima é de fragmentação da ordem estabelecida... Ela é o resultado dos processos de modernização... Daí a expressão de Berman: “Tudo o que é sólido desmancha no ar”. Os antigos conceitos não dão conta da realidade e desconfiamos profundamente dos novos; a tendência básica é um retorno ao indivíduo, sendo este o terceiro elemento. Busca-se aquilo que é efêmero; há um retorno e uma ressurreição dos bruxos e de todo e qualquer misticismo. Há uma emersão de todo e qualquer grupo; retorna-se com exagero ao indivíduo; Há também nesse quadro uma carência de projetos que tenham implícita a perspectiva de mudança social (Diehl, 1997, p.7)

Se a intransparência teórica é um fato inegável, se a projeção de futuro não está mais sendo pensada, se a queda do muro de Berlim significa, simultaneamente, a queda de inúmeros princípios, se o homem contemporâneo perdeu a visão sistêmica, qual deve ser a nossa posição?

Estamos cientes de que a nossa posição diante das constatações referidas é a de continuar indagando. Essa indagação, sem dúvida, é o que nos permitirá afirmar a existência ou não da pós-modernidade. Para tanto, procederemos, agora com base na obra de Diehl, da seguinte forma: veremos o que concebem por *pós-moderno* alguns pensadores como Lyotard, Derrida, Baudrillard e, posteriormente, a crítica que Habermas faz à concepção de Lyotard.

ALGUNS ELEMENTOS IDENTIFICADOS NO DISCURSO DE LYOTARD

Uma das primeiras constatações desse pensador é de que foram perdidos os mitos de unidade postulados pela modernidade. Num segundo momento, o autor faz questão de salientar que tal constatação não deve estar carregada do sentimento de perda; pelo contrário, reconhece a dissolução das unidades como fenômeno positivo, como uma nova chance. Isso significa “que o fim de cada grande narrativa gera uma multiplicidade específica e possui um heterogêneo e autônomo jogo de linguagem no seu lado inverso”(Diehl, 1997, p.54).

Em Lyotard, o processo não se apresenta como fragmentação, mas como um novo ganho, que indica uma nova perspectiva. O autor fundamenta essa posição na teoria dos jogos de linguagem de Wittgenstein para a representação de sua teoria pós-moderna. Vejamos: “As formas diferenciadas de vida, saberes e ações, são tomadas como jogos de linguagem, cuja consistência constitui a própria sociedade, o privilegiado agora não é a uniformidade, mas o jogo concorrencial. Por outro lado os jogos

de linguagem são incomensuráveis entre si, sendo sempre possível, por isso a descoberta de novos movimentos e jogos”(Diehl, 1997, p.54).

Para o autor de *Vinho velho em pipa nova*, a concepção de Lyotard mostra-se como uma posição exemplar, uma vez que traz ao centro da discussão posições de bases sustentáveis contra a tendência uniformizante da ciência moderna. Em Lyotard, o pluralismo pós-moderno tem um sentido positivo e crítico, pois possui as categorias necessárias para explicar a realidade.

Seu pluralismo pós-moderno contrapõe-se também à posição de Habermas. Para Lyotard, uma ética discursiva cuja palavra-chave é o consenso deve encaminhar-se, necessariamente, à pluralidade radical; defende, assim, contrariamente, o dissenso. Para ele, o consenso é um princípio de determinados jogos de linguagem; assim, elevá-lo a um metaprincípio implicaria colocá-lo muito próximo das estratégias de totalização.

Em suma, a proposição de Lyotard é seguir um viés diferente daqueles firmados na totalização e uniformização moderna. Para ele, o novo saber deve ser orientado pela instabilidade e pela descontinuidade. Lyotard afirma o pós-moderno não como antimoderno, nem como transmoderno, mas como a radicalização dos princípios modernos em seu interior.

ALGUNS ASPECTOS DO PENSAMENTO DE JACQUES DERRIDA

Derrida entra no debate pós-moderno e traz grande contribuição, principalmente na crítica que realiza aos que se empenharam em fazer narrativas apocalípticas. A preocupação que encontramos neste autor, segundo a obra aqui estudada, consiste num esforço para demonstrar os equívocos dessas narrativas. Para Derrida,

a idéia de revelação do apocalipse é ambivalente, pois difunde a verdade e simultaneamente, significa a morte, e isso duplamente: o fim é o antecedente necessário do desvelar... A própria verdade se então viesse seria mortal; com ela, tudo chegaria ao fim, ela suspenderia a história, o movimento, a vida. A verdade significou, irrecusavelmente, uma espécie de morte teimosa (Diehl, 1997, p.61).

Em Derrida, assistimos a uma destruição do discurso apocalíptico e à idéia de uma falsa pretensão de verdade. Aqui, em nome da verdade, certamente cairíamos numa aporia (algo similar a um *beco sem saída*).

ALGUNS ELEMENTOS DO PENSAMENTO DE BAUDRILLARD

Um outro pensador que a obra em estudo menciona e que faz parte de nossa temática é Baudrillard. Para esse, o pós-moderno é um valor de limite, o pós-moderno se encolheu ao valor zero. Segundo ele, “de qualquer forma, há muito deixamos

atrás de nós todas as reais possibilidades de despedida e chegamos a um estágio final, em um contínuo inconsciente... Conforme o pensador, vivemos na *hypertilie*, o que significa que vivemos no outro lado do fim e de todas as possibilidades do fim” (Diehl, 1997, p.62).

Para Baudrillard, vivemos hoje as antigas contraposições, assim como saímos totalmente dos tempos de certeza, quando existiam os projetos com começos, meios e fins. “Se todas as contraposições são viáveis e todas as ações são conseqüentes, então elas não mudam a situação, somente as ratificam potencializando-as... Pois tudo já aconteceu (sem que algo tivesse acontecido)” (Diehl, 1997, p.63).

Percebemos claramente nesse autor um pessimismo carregado de um sabor amargo, de perda de possibilidade de toda e qualquer reconstrução sem que saibamos o seu fim. Isso vai levá-lo a ampliar nosso debate trazendo em Baudrillard o diagnóstico do fim da história (*Posthistoire*), que é originalmente concebido por Gehlen, que propõe que a história já passou. Segundo esses pensadores, “não existe mais um horizonte aberto, nem existirão mais inovações; o que crescerá, isso sim, são formas de pensamento para prover massas humanas. Todo o resto é ilusão, é epigonal; as forças impulsoras são a variante institucional-técnica, e as forças espirituais, são apenas, e ainda mero teatro” (Diehl, 1997, p.65).

Segundo Diehl, a posição desse autor é difícil de ser sustentada (a crítica que realiza contra o socialismo), pois é ilusório o fato de Baudrillard entender os homens com um impulso para alcançar a diferença. E mais, sua crítica ao socialismo foi puramente narcisista e consistiu em

mero veículo que possibilitou atualidade ao seu diagnóstico da *Posthistoire*; parece que ele, em seu diagnóstico, não concebe nada de novo e afirma que nada poderia ser superado.

Com base na análise do pensamento desses pensadores, principalmente de Baudrillard, gostaríamos de afirmar, com o intuito de deixar bem claro, que a pós-modernidade não pretende ter uma fundamentação pessimista, mas quer, por outro lado, encontrar em suas postulações um diagnóstico positivo. Pensamos que o próprio entendimento da corrente como a radicalização dos princípios modernos - o que leva a uma abertura de um pluralismo que abre perspectiva à aceitação do novo, fugindo das totalidades escravizantes - é um fundamento positivo para a corrente pós-moderna.

Um debate interessante em *Vinho velho* ocorre entre a postura de Habermas e a de Lyotard, como já mencionamos. Pensamos que os dois filósofos avançam no sentido de demonstração dos limites e possibilidades das epistemes moderna e pós-moderna.

De antemão, é bom salientar que Habermas discorda da posição de Lyotard (do entendimento do *pós* como abertura para múltiplos elementos novos). É diante dessa postura que ele propõe o seu projeto da razão comunicativa. Para ele,

a crítica da razão feita pelo pós-modernismo é contraditória. Isso porque buscaria resgatar a subjetividade, como também tentaram Nietzsche, Heidegger, Derrida e Foucault sem, no entanto, encontrá-la, pois esses estariam sempre girando em torno do mesmo círculo,

que se tornou o domínio externo da filosofia da subjetividade e cuja única saída seria a passagem para o paradigma da razão comunicativa, ou seja, do outro lado do círculo (Habermas apud Diehl, 1997, p.78).

Habermas identifica nas posturas pós-modernas uma grande intransparência, percepção que lhe dá credibilidade para criticar tais posturas. Como defensor do projeto moderno, ele expõe algumas questões que são fundamentais nesse debate: A perspectiva do futuro pós-moderno pode ser aprendida antes mesmo de uma recuperação do projeto dos modernos? Isso não passaria, na verdade, muito mais de uma questão de etiqueta intelectual? Se o pós-moderno é o radical, então esse dificilmente pode ser considerado como continuidade do projeto dos modernos (Diehl, 1977, p.79).

Na análise criteriosa de Habermas, torna-se evidente a sua crítica. Ele entende que há elementos e problemas que passem despercebidos para Lyotard (unilateralidade).

Podemos perceber, nesse embate, que onde Habermas fala em comunicação e consenso Lyotard percebe a totalização. Segundo Diehl, para ambos, existem diferenças essenciais no entendimento da razão: para o primeiro, essas diferenças são verdadeiramente inteligíveis quando a intermediação surge, ao passo que, para o segundo, é exatamente nesse ponto que há entendimento determinado pela razão.

A questão, segundo Diehl, não consiste em jogar uma corrente contra a outra, mas em considerar os problemas internos que estão presentes nelas.

Podemos afirmar, então, com base nesses questionamentos, que a querela

estabelecida entre esses dois pensadores demonstra que as formas particulares reivindicam, também elas, uma universalidade, só que dessa vez no nível micro. O que Habermas pretende com a linguagem Lyotard pretende com a aceitação do pluralismo, e essa busca de aceitação consiste na afirmação de uma verdade universalizada na esfera micro.

A TENTATIVA DE ESBOÇO E DE ENTENDIMENTO DO MOMENTO ATUAL

O autor em estudo lança uma tentativa de esboço da situação atual no capítulo intitulado “O momento suportável; diagnóstico ou autópsia dos modernos”. Nele, o esforço consiste na busca de um entendimento a respeito dos dois paradigmas em estudo, principalmente do moderno.

O nosso entendimento da proposição do autor consiste na percepção de que não chegamos ao momento de fazer a autópsia dos modernos (pois esses não estão mortos), mas é momento, sim, de estabelecer um diagnóstico sobre seus pressupostos: “Compreender os modernos significa, primeiramente, debruçar-se e focalizar a sua trajetória histórica” (Diehl, 1997, p.110).

Outra questão que, para nós, fica clara é a seguinte: se a história vive a desilusão das revoluções otimistas, se o mundo se apresenta como fragmentado, qual é a importância de continuarmos estudando os modernos? Sem dúvida, é porque não estão mortos nem superados. Não é comum falarmos tanto assim dos mortos; falamos, sim, daquilo que continua fazendo parte das discussões de fundo da nossa realidade. Entendemos, com isso, que o

discurso do pós está imbuído dos princípios modernos, os quais apenas tomaram nova forma no cosmos desorganizado e continuam dando validade como tentativa de explicação da nossa realidade: “A virulência da crítica e os impulsos pós-modernos ainda não conseguiram apontar para o fim dos modernos, mesmo porque, no pós-moderno, encontramos a tentativa de realização da velha ansiedade moderna de compreensão do mundo” (Diehl, 1997, p.114).

Eis-nos diante da necessidade de, urgentemente, fazermos um diagnóstico moderno; isso porque entendemos que vale a pena compreender os modernos como vivos. Contrariamente a isso, segundo Diehl, perderemos a afirmação de *telos* e chegaremos ao fim do horizonte: “Portanto, se movermos o foco sobre os modernos como algo do passado - algo já deixado atrás de nós -, então faremos nada mais do que a autópsia e aí somente será possível vislumbrar o horizonte do seu fim” (Diehl, 1997, p.116).

Questionando-se sobre a base da postulação dos princípios modernos, o autor indica que é o sucesso da razão instrumental positiva no progresso dos modernos, os quais tomaram um viés diferente daqueles almejados, indicando, assim, uma grande mudança paradigmática.

É interessante frisar aqui uma outra consideração que o autor em estudo faz. Segundo ele, “o processo de modernização esteve acompanhado desde o seu começo por crises de orientação sob formas diferentes” (Diehl, 1997, p.118). Consideramos essa afirmação como um elemento típico dos modernos. Se é moderno, não é velho; então, a crise é um elemento que contribui para o surgimento do novo. Assim, o vinho

velho é colocado em pipa nova; é uma nova roupagem que não significa a morte dos modernos.

Segundo Diehl, é o projeto dos modernos que assegura os próprios modernos em movimento. Isso não encobre, de maneira alguma, a possibilidade de fazermos, ao invés de sua autópsia, uma cirurgia e buscarmos, por meio de uma leitura de seus princípios, um novo *locus* para o desenvolvimento histórico moderno.

Estamos num momento de “redefinição” dos parâmetros do entendimento da história... Precisamos entender que o limite da pós-modernidade está na modernidade, isso pela não-concretização de seus ideais... Dessa forma, não significa que devamos negá-la, mas buscar entendê-la... Eis uma tarefa que exige uma postura no sentido de o estudante, de o professor de universidade fazer, realmente, epistemologia...

ALGUMAS IMPLICAÇÕES DA PÓS-MODERNIDADE PARA A EDUCAÇÃO

O fenômeno educativo, na conjuntura atual, passa a merecer grande atenção como uma das possibilidades de resgate da integridade do ser humano. Essa atenção especial se dá mediante a constatação de que não possuímos nenhuma “receita” que demonstre qual é a melhor educação que realmente promove o homem. Diante disso, assistimos a um quadro de grande angústia: educadores, psicólogos e pais de famílias almejam a qualquer custo uma resposta para a situação atual; muitos chegam a escrever inúmeras páginas sobre o paradigma emergente. O momento nos

desperta a seguinte problemática como estudantes da ciência da educação: devemos buscar soluções com base na simples caracterização do momento atual ou devemos nos reportar à sua origem?

A postura que iremos defender aqui consiste no entendimento de que a origem dessa situação de crise está na má interpretação e na forma como foram objetivados os princípios modernos.

Se estamos lembrados, no início deste texto, elencamos algumas características da modernidade dentro do contexto do século XVIII, principalmente do iluminismo. Dentre elas, salientamos: a liberdade, a valorização do indivíduo e a emancipação do sujeito racional. Esses princípios foram incorporados pelas mais diversas tendências pedagógicas, como, por exemplo, a Escola Nova (a pedagogia burguesa com tendência liberal), o modelo positivista e a própria tendência marxista.

Onde está, então, o erro daqueles que tanto desejavam a integridade do ser? Pensamos que o equívoco consiste na forma como essas teorias foram sendo implantadas. Vejamos o caso, por exemplo, do conceito de *liberdade*. Esse conceito é um dos grandes objetivos da educação da época, que não pretendia mais continuar “castrando” com métodos antiquados a espontaneidade do aluno. E a individualidade: qual é a educação que não almeja trabalhar as individualidades para não rotular seus educandos? E a emancipação? Um aluno emancipado que participa do processo educativo continua sendo um dos grandes anseios em nossos dias.

Voltamos a afirmar que a ciência da educação não está carente de projetos, mas carente de *interpretação* dos projetos. Dian-

te disso, o projeto moderno se apresenta como uma das grandes opções de resgate da integridade do ser humano. Então, por que não deu certo? Por que as práticas pedagógicas motivadas pelo espírito do modelo capitalista radicalizaram os conceitos da *modernidade* e se equivocaram quando falaram da liberdade, do indivíduo, da razão emancipadora do ser.

Precisamos, com urgência, voltar aos modernos antes de postularmos o pós-moderno na educação e demais esferas; porque, se entendermos por *pós* a manifestação das fragmentações e exacerbações auridas do contexto atual, as quais já mencionamos no decorrer deste texto e que não apresentam uma proposta que possua consistência, pensamos, que, dessa forma, ninguém gostaria de ser caracterizado como integrante dessa corrente.

A ciência da educação deve demonstrar a sua pretensão de validade a partir de uma proposta que transcenda meras aparências efêmeras e que aponte para o entendimento de um ser humano íntegro. Dessa forma, assim como alguns teóricos, acreditamos que a modernidade está inacabada e que possui em seu bojo elementos que possibilitam um novo *locus* ao homem contemporâneo.

Não gostaríamos de encerrar o nosso enfoque sem antes citarmos uma frase externada no século XVIII, que salienta a possibilidade de equívocos na interpretação dos conceitos modernos. Pensamos que foi esse o erro de muitos pedagogos que não tinham clareza sobre seus fundamentos: "Se a liberdade consistisse em fazer o que se quer, homem algum seria livre" (Rousseau, 1762, capa da obra *Emile e Sophie* ou *Os solitários*).

Considerando a célebre frase de Rousseau, depositamos nossa crença numa educação firmada sobre as bases do pensamento moderno. E voltando ao *Vinho velho*, percebemos que mudou de pipa, no entanto não o conhecemos bem para poderemos tomá-lo. Será que a pipa nova (a da pós-modernidade) não contém a cicuta que matou Sócrates? Queremos tomar o bom vinho e voltarmos aos princípios modernos com esse intuito. Dessa maneira, poderemos estar começando a fazer ciência da educação.

BIBLIOGRAFIA

- CUNHA, José Auri. *Iniciação à investigação filosófica*. São Paulo: Atual, 1992.
- DIEHL, Astor Antônio. *Vinho velho em pipa nova. Passo Fundo: Ediupf, 1997*
- JORNAL PIONEIRO. *Cultura historiográfica*. p.7.1997.
- Bibliografia complementar
- GUIARDELLI, Paulo. *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997, p.127-176.
- KAPLAN, E. Ann. *Mal-estar no pós-modernismo*. Teorias e práticas (Org. e trad. Vera Ribeiro). Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- LYOTARD, J.F. *O pós-moderno*. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1988.